

**PROGRAMA DE TRANSFERÊNCIA USP 2021****CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO – IAU.USP****Período da Manhã – Prova Teórica (Duração: 3 horas)**

A pandemia do COVID-19 vem apresentando inúmeros desdobramentos à vida urbana, aos modos de circulação, trabalho, moradia e lazer, dentre outros. A partir do texto abaixo (BEIGUELMAN, Giselle. Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana. São Paulo: ECidade, 2020, pp-5-7.), e levando em consideração sua experiência cotidiana, discorra sobre alguns dos reflexos da pandemia sobre o espaço público e a vida nas cidades.

**PRÓLOGO DO CONFINAMENTO****O ESPAÇO PÚBLICO É A PRIMEIRA VÍTIMA FATAL**

Já é possível dividir a vida entre a.C e d.C? Antes do coronavírus e depois do coronavírus? Ninguém sabe quanto tempo viveremos no “regime de exceção” da pandemia, se meses ou anos, conforme alertou Soumya Swaminathan, cientista chefe da Organização Mundial de Saúde (OMS). O fato é que o “corona” é pra lá de contemporâneo, transformando em cotidiano o panorama mais sombrio do futuro da cidade.

As medidas de precaução contra sua propagação enunciam uma cultura urbana do isolamento, da ojeriza ao contato físico, da consagração do trabalho remoto e da condenação do idoso a elemento disfuncional da atualidade. O espaço público, por isso, foi sua primeira vítima fatal. Da categoria de lugar “perigoso”, das multidões amotinadas e do encontro com o inesperado, uma definição que nos assombra desde o século XIX, passa à de contagioso. A globalização, e todo o espectro de mobilidade que implicava, aparece como algoz de uma humanidade fragilizada pelos fluxos do capital. É preciso parar, ficar em casa, fechar fronteiras e abrir muitas

torneiras... A promessa dos territórios porosos e da força dos nômades na requalificação social é brutalmente suprimida pela contenção, pelo emparedamento da quarentena e do *revival* dos nacionalismos.

Os mais otimistas identificaram nesse cenário sinais positivos para um *slow down* geral, que nos faria repensar o modo de vida 24/7 do capitalismo tardio e os fins do sono e da Sociedade do Cansaço, conforme analisaram Jonathan Crary e Byung Chul-Hang. O argumento é que o isolamento poderia funcionar como um chamado para acalmar-se, usar o que a tecnologia das redes tem de melhor e fazer tudo o que é possível a distância: dar aulas, assisti-las, fazer compras, gerir galerias de arte, administrar finanças (pessoais e alheias), conversar...

Afinal, nessa via de raciocínio, o confinamento não tem nada de complicado. Basta abrir as janelas, manter a distância de 1,5 metro entre as pessoas e deixar o ar circular... E quem vive em pequenos cômodos, com suas famílias e, muitas vezes, dividindo espaço com várias outras pessoas e não tem janela? Faz o quê? Liga o ar-condicionado?! Não me espantaria com mais uma resposta à la “não tem pão, comam bolo” das autoridades e especialistas. Obviamente que não entram nessa conta as pessoas que não podem fazer o seu trabalho de forma remota, como camelôs, faxineiras, trabalhadores da construção civil, montadores de exposição, frilas mil e o neo “lumpesinato digital” que abastece serviços de

delivery como o Ifood e o Rappi.

Não discuto a necessidade das medidas de distanciamento social estabelecidas. Elas são a única alternativa para conter a pandemia. E estou mais que ciente que o coronavírus não é exclusividade dos pobres. Contudo, são os socialmente mais vulneráveis os que sofrem mais.

Nos primeiros dias de confinamento não conseguia deixar de pensar nos anos 1980, quando ingressei na FFLCH-USP para cursar História. Todos na contagem regressiva para o fim da Ditadura, embalados pela Revolução Sexual de Wilhelm Reich e, de repente, o vírus HIV caiu como uma bomba nas nossas cabeças, corpos e almas. Nunca mais fomos os mesmos. Era difícil prever, naquele momento, as sequelas da coronavida na cultura urbana. Ainda é. Contudo, a despeito de todas as incertezas e dúvidas, é impossível desconsiderar que o coronavírus comprova uma velha tese aristotélica: o homem é um ser político. Seu lugar é a pólis, a rua, a cidade. Não atrás da tela.



## **PROGRAMA DE TRANSFERÊNCIA USP 2021**

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO – IAU.USP

### **Período da Tarde – Prova Prática (Duração: 3 horas)**

Considerando ainda o contexto da pandemia do COVID-19, selecione um aspecto da vida nas cidades que vem sendo impactado negativamente. Usando de sua imaginação, proponha um dispositivo hipotético, na escala arquitetônica ou urbana, que contribua para que esse aspecto destacado por você seja revertido positivamente. Em sua criação, você pode fazer uso de desenhos livres, desenhos com instrumentos, esquemas e diagramas.

Técnica: livre, com ou sem instrumentos, em cores ou preto-e-branco.